

Moral e economia da fraqueza n'*O Filho Natural* de Diderot

Laurent Jaffro

Universidade de Paris 1 – Panthéon-Sorbonne

Tradução

Victor Garcia

RESUMO

O artigo examina a trama dramática de *O filho natural*, de Diderot, de modo a mostrar como ideias morais de virtude e vício surgem da interação de personagens que representam tipos psicológicos, mas são movidos por desejos de natureza fisiológica. São estes, em última instância, que determinam as ações e permitem julgá-las segundo parâmetros estabelecidos socialmente. Interessa-nos em particular a caracterização do personagem central, Dorval, como agente econômico racional, que, paradoxalmente, se mostra incapaz de agir na consecução de seus interesses.

PALAVRAS-CHAVE

Desejo; economia; fisiologia; psicologia; virtude.

ABSTRACT

The article examines the dramatic plot of Diderot's *Le fils naturel* in order to show how moral ideas of virtue and vice arise from the interaction of characters who represent psychological types but are driven by desires of a physiological nature. These desires ultimately determine actions and allow them to be judged according to socially established parameters. Of particular interest is the characterization of the central character, Dorval, as a rational economic agent who, paradoxically, proves incapable of acting in the pursuit of his own interests.

KEY WORDS

Desire; economics; physiology; psychology; virtue.

Em memória de Luís Nascimento

O teatro de Denis Diderot, assim como seus comentários sobre a pintura, mobiliza toda uma rede de valores morais e estéticos que promovem a sensibilidade – uma disposição comum aos seres capazes de experiência, humanos e animais. As observações de Diderot sobre Jean-Baptiste Greuze¹ – cuja pintura de gênero é comparável ao drama burguês que o filósofo ilustra em *O Filho Natural* – manifestam valores que são igualmente sociais. Veem-se nelas o quanto Diderot era fascinado pela maneira como as qualidades aristocráticas, tradicionalmente associadas a figuras históricas, narrativas bíblicas ou mitos pagãos, são substituídas por novas formas, um heroísmo da vida cotidiana e, sobretudo, da esfera doméstica, que é o verdadeiro palco da ação moderna. A vida familiar, organizada em torno do nascimento, da doença, dos acidentes e da morte, é composta de educação e solicitude, apego e afeição, mas também de aparente fatalidade e escolhas condicionadas pelas condições sociais. Nos quadros de Greuze, como nos dramas de Diderot, mães e filhas – e, no caso de Greuze, até mesmo os animais domésticos que as acompanham – mais frequentemente do que pais e filhos, demonstram capacidade de simpatia, compaixão, mas também de resistência e firmeza diante dos golpes do destino.

Consideremos o caso da obra, publicada anonimamente em 1757, *O Filho Natural ou as provações da virtude, comédia em cinco atos e em prosa*². Desde o século XIX, faz-se referência ao *Filho Natural* de maneira quase acessória; dá-se preferência à parte final, que são as *Conversas sobre o Filho Natural* – denominação ausente da primeira edição –, um diálogo sobre questões filosóficas e estéticas entre Dorval e “eu”, ou seja, o próprio Diderot encenado. O que Diderot publica sob este título não é apenas o texto da peça, mas também a memória de sua criação privada; as *Conversas* supostamente tratam não do texto, mas de sua representação, na verdade de sua estreia, que é um evento familiar. A análise que se segue concentra-se na peça e deixa de lado as *Conversas* e o complexo dispositivo ficcional que os envolve.

No prefácio, ficamos sabendo que o autor – do livro que abriga esta peça, segundo uma convenção de ficção, e não da peça em si, supostamente escrita pelos próprios atores da história – incentivou Dorval a cumprir a última vontade de seu falecido pai, Lysimond, encenando, num palco privado, uma peça que celebra a história da família, cujos membros interpretam seus próprios papéis – com exceção, naturalmente, de Lysimond, substituído por um amigo. A família, juntamente com

¹ Cf. Jaffro, 2020, p. 271-284.

² O anonimato é relativo, pois a primeira frase contém uma referência transparente a Diderot como o promotor da *Encyclopédie*.

o autor do livro – que escuta escondido num canto –, constitui o único público dessa representação doméstica, pensada para acontecer anualmente e ser transmitida às gerações futuras como um monumento ao espírito do pai, superior às pinturas dos “retratos de família”, que carecem da dinâmica de uma história. A cena final, na estreia da peça, foi tão comovente que a apresentação foi interrompida antes que o único verdadeiro ator – o amigo encarregado de representar o pai falecido – pudesse entrar em cena.

Os valores mais importantes exigem ser traduzidos na ação. Mas Dorval é um agente cronicamente fraco, com um grau muito limitado de autocontrole, carente de iniciativa e eficácia. Tratar-se-á aqui de mostrar como a peça, ao mesmo tempo em que diagnostica o problema de ação enfrentado por Dorval, propõe uma solução prática adaptada à sua fragilidade enquanto agente. A manipulação marginal da fortuna – entendida como o dinheiro e os bens líquidos – é a única técnica de que Dorval dispõe para operar a transformação dos vínculos e sentimentos que a situação exige à luz dos valores morais e sociais. Essa técnica é emprestada da gestão econômica e aplicada à moral.

I. Como traduzir a virtude em ação quando se é melancólico?

O cerne da intriga é a transformação dos vínculos e dos sentimentos entre quatro personagens – Dorval, Clairville, Constance e Rosalie –, que podem ser distinguidos e caracterizados com base em suas respectivas posições dentro de um complexo de relações e de condições sociais e econômicas.

Começemos pelas considerações de gênero e de parentesco: Dorval e Clairville, dois homens, são bons amigos. Dorval personifica a solidão, todos os demais vínculos partem inicialmente de Clairville. Constance é irmã de Clairville e uma jovem viúva – ela carrega a experiência da dor e da perda; é também mentora de Rosalie e está prestes a tornar-se sua cunhada, já que Rosalie é noiva de Clairville. Rosalie é órfã de mãe há pouco tempo. No entanto, como sua mãe passou anos nas colônias com o pai de Rosalie, Lysimond, ela foi educada por sua tia até a morte desta; depois disso, a mãe distante transferiu sua autoridade para Constance. Rosalie vivia um amor exclusivo e recíproco com Clairville até conhecer o amigo dele, Dorval. No início da peça, na véspera do casamento entre Clairville e Rosalie, Dorval e Rosalie acreditam estar perdidamente apaixonados um pelo outro. Ora, o leitor atento já foi informado, pela didascália inicial, de que Lysimond, que vive no exterior, não tem apenas Rosalie como filha. Essa informação será revelada aos personagens apenas no momento do

desfecho. Dorval é seu filho natural: sua mãe morreu nas colônias antes que pudesse casar-se com o pai (Diderot, 1996, p. 1115; Diderot, 2008, p. 78)³.

As determinações psicológicas pelos humores e pelas disposições afetivas também têm sua importância: Dorval sofre de um sentimento difuso de culpa. Sente que, ao ceder à sua paixão por Rosalie (sua “ternura”, no vocabulário da época), está traindo a amizade e a confiança de Clairville. Está prestes a não comparecer ao casamento e a fugir. Trata-se de um personagem melancólico, inclinado à passividade e à apatia. Sua forma de agir passa pelo evitamento e privilegia estratégias indiretas.

Rosalie, ao contrário, é acima de tudo uma personagem decidida. Como se diz, ela toma as rédeas da própria vida. Representa bem o que uma psicologia de segunda categoria chamaria hoje de uma personalidade proativa. Está prestes a trair Clairville com Dorval. Constance também é uma personagem muito voluntariosa, contrariando o estereótipo de gênero. Em uma de suas conversas com Dorval, o “eu” afirma que o “tom” de Constance lhe parece “muito elevado para uma mulher” (Diderot, 1996, p. 1159; Diderot, 2008, p. 140).

Tudo isso conduziria diretamente a um desastre – à ruptura do noivado entre Rosalie e Clairville ou mesmo, e mal se ousa pensar, ao incesto –, se Constance não estivesse decidida a orientar e aconselhar Dorval. A autoridade que ela exerce sobre Dorval é a da virtude estoica (a mesma cujo nome ela carrega). Em quem a possui, essa virtude é capaz de contrariar ou impedir, desde a origem, a influência perturbadora da paixão. Mas o que ela pode fazer pelos outros? Pode guiar. Constance é uma figura feminina do diretor de consciência ou do psicoterapeuta, uma encarnação do *care*, a quem nada impedirá no final de desposar seu paciente, Dorval. É somente graças à encarnação, por parte de Constance, do amor à virtude que todo desfecho fatal, quaisquer que sejam sua natureza ou gravidade, é evitado. Em certo sentido, Constance exerce mais influência sobre o curso dos acontecimentos do que o pai ausente de Rosalie e Dorval⁴.

Passemos agora às condições sociais e às considerações sobre a fortuna. Clairville é um membro ocioso da pequena nobreza [*gentry*] e possui uma modesta fortuna, inferior à de sua noiva Rosalie, filha do rico Lysimond. No ato II, cena 4, ficamos sabendo que o pai de Rosalie, agora viúvo, vendeu todas as suas propriedades nas colônias, embarcou e está navegando rumo à França com todo o seu dinheiro por um oceano perigoso, arriscando não apenas a própria fortuna, mas também o dote

³ Todas as referências à obra de Diderot remetem à edição *Œuvres, t. IV, Esthétique – théâtre*, organizada por Versini (1996) e à tradução brasileira: Diderot, *Obras V: O filho natural ou as provações da virtude: conversas sobre o filho natural*, organização de Guinsburg, tradução e notas de Saadi (2008).

⁴ Para uma leitura que atribui muita (demasiada?) importância no “fantasma do pai”, cf. Guilhem, 2023, p. 128-150.

e a herança da filha – colocando assim em risco sua união com Clairville. O plano de Lysimond, ao que parece, é recomeçar a vida. Quanto a Dorval, é órfão de mãe desde a infância. Seu pai foi exilado. Embora não seja rico, ele terá recursos suficientes para ajudar Rosalie quando ela parecer arruinada, após o suposto sequestro de Lysimond por um navio inimigo. Nesse contexto sombrio, Dorval resume sua nova situação numa declaração enigmática feita a Constance, no ato IV, cena 3: “aos olhos do mundo, meu nascimento é indigno, e minha fortuna desapareceu.” (Diderot, 1996, p. 1115; Diderot, 2008, p. 79). A fim de compensar os efeitos da perda de Lysimond, Dorval acabara de transferir secretamente suas economias para a conta de Rosalie. A abjeção diz respeito à representação social do status de filho natural.

Há pelo menos três tipos diferentes de interação prática e afetiva entre os quatro personagens:

1. Interações de “ternura”: O amor é recíproco entre Dorval e Rosalie na abertura da peça. Clairville ama Rosalie. Constance ama Dorval. No final, o amor mútuo entre Rosalie e Clairville é restaurado, e o amor entre Dorval e Rosalie é substituído pelo afeto fraternal – o vínculo familiar fornece a razão que tanto o moraliza quanto o racionaliza.
2. Relações de “confiança”: Dorval resiste à ideia de ser desleal com Clairville. Rosalie, pronta para romper o noivado com Clairville, está prestes a trair a confiança da irmã deste, Constance, que também é sua confidente.
3. Mais importante ainda, as relações de cuidado e de educação: Constance ocupou-se de Rosalie como uma substituta de sua tia e mãe. Ela incorpora a solicitude materna também em seu relacionamento com Dorval. Embora capaz de um entusiasmo abstrato pelo amor à virtude, que é intrinsecamente amável, Dorval é notoriamente “sombrio e melancólico” (essa obscuridade deve ser contrastada com a clareza do nome de Clairville). Trata-se de um agente fraco que tem dificuldade em traduzir o amor à virtude em ação.

II. *With a little help from my friends*: como um agente fraco chega a resolver um problema de ação

Ao longo da peça, Constance ajuda Dorval a encontrar a coragem para agir de acordo com sua ideia de virtude. Essa ação de Constance é a primeira etapa de um processo de transformação dos sentimentos e apegos. Constance desencadeia o gesto decisivo de Dorval. Concentremo-nos neste ponto.

Em sua conversa com esse “eu”, que é uma voz de Diderot, Dorval se explica: “Eu pratico muito pouco a virtude, disse-me Dorval; mas ninguém a tem em mais alta conta do que eu” (Diderot, 1996, p. 1160; Diderot, 2008, p. 142); o que se segue

aproxima a obscuridade de Dorval das trevas com que os tempos supersticiosos mascaram o brilho da virtude e da verdade (*ibid.* – cf. 1996, p. 1081). Há uma distância entre o conhecimento da virtude, o reconhecimento e o amor que ela necessariamente implica, e a incapacidade constitutiva de agir de acordo com esse conhecimento. A chamada tese internalista⁵, segundo a qual o juízo moral é necessariamente acompanhado de uma motivação correspondente, seria verdadeira se a condição de fraqueza não estivesse presente. O entusiasmo pela virtude que caracteriza Dorval permanece no registro da idealidade por causa de sua melancolia.

No entanto, graças à feliz influência das “luzes” de Constance (Diderot, 1996, p. 1118; Diderot, 2008, p. 82), Dorval, geralmente apráxico, realizará a façanha de “sacrificar sua paixão, sua fortuna e sua liberdade” por seu amigo Clairville, como Diderot resume em seu prefácio (Diderot, 1996, p. 1081; cf. Diderot, 1996 IV, 7, p. 1117; Diderot, 2008, p. 81), e será felicitado por esse feito por todos os protagonistas ao final da peça. Sua paixão é a ternura que sente por Rosalie; sua liberdade é a solidão melancólica à qual renuncia ao tornar-se esposo de Constance; sua fortuna é o capital mobilizável que lhe permitiu agir sobre os outros e sobre si mesmo. Este último aspecto, cujo interesse é encoberto por uma aparente trivialidade, está estreitamente ligado à ideia do drama burguês como retrato das condições e das profissões.

No ato IV, cena 5, a notícia de que o navio de Lysimond foi capturado pelo inimigo (na verdade, uma notícia falsa) leva os protagonistas a acreditarem que Rosalie perdeu sua fortuna e que já não é um bom partido. No entanto, Clairville está disposto a infringir as regras das pessoas bem nascidas e, apesar de seu nome, a trabalhar no comércio. Ele vê o comércio como sendo “praticamente a única” profissão “em que as grandes fortunas são proporcionais ao trabalho, à habilidade, aos perigos que as dignificam” (Diderot, 1996, p. 1117; Diderot, 2008, p. 80). Em comparação – ainda que isso permaneça implícito na peça –, a fortuna de Lysimond e, por consequência, a de seus dois filhos, tem origem colonial e é moralmente duvidosa⁶. Graças ao gesto decisivo de Dorval, com seu plano secreto para ajudar o amigo, Clairville não precisará se rebaixar: Dorval afirma que a perda do navio de Lysimond está coberta por um seguro, o que garantiria a Rosalie seu dote. Na verdade, Dorval está por trás desse desfecho (ato III, cenas 9-10).

É assim que a peça pode ser lida como a resolução de um problema prático: como Dorval, que é tão fraco a ponto de ser mais um paciente do que um agente, pode mudar ou ao menos silenciar seus desejos por Rosalie – desejos que ele preferiria não ter, por razões morais, ligadas à sua lealdade a Clairville –, sendo que ele não

⁵ Cf. Frankena, 1958, p. 40-81.

⁶ Cf. Weber, 2003, p. 488-501.

tem nenhum controle sobre esses desejos, e depois de ter renunciado – sempre por deveres em relação a Clairville – à única solução imediatamente acessível e certamente eficaz: a fuga.

Em vez dessa estratégia de evitamento, Dorval apoia-se no conselho de Constance (ato I, cena 4). Constance produz um dos efeitos da virtude: ela inspira o amor pela virtude⁷. O afeto de Constance por Dorval é, no fundo, uma benevolência prática, estranhamente confundida com “ternura”. No ato I, cena 4, a declaração noturna de Constance a Dorval – é ela quem toma a iniciativa, pois Dorval está prestes a partir –, na qual confessa sua ternura, é antes de tudo uma declaração de solicitude moral: Constance se preocupa com a centelha de virtude em Dorval, mesmo que ela esteja obscurecida pela melancolia.

Felizmente, Dorval não precisa responder – pois tal pergunta teria sido, para ele, um motivo para fugir, como desejaria um Alceste, rumo a um deserto: a conversa deles é interrompida por Clairville, cuja presença relembra a Dorval os deveres da amizade, especialmente na véspera de um casamento, no momento em que o futuro marido acaba de saber, por sua noiva, que ela já não o ama (ato I, cena 6).

Também aqui, a influência moral de Constance abre uma nova perspectiva de ação, mas ela não é suficiente, pois Dorval não é um agente moral em plena posse de sua capacidade de agir. Dorval precisa recorrer a técnicas de controle indireto, que provêm mais do domínio econômico do que do ético. É possível que ele tenha assimilado esse tipo de raciocínio econômico na convivência com Clairville, pois seu amigo tem o hábito de conceber as interações humanas como trocas econômicas, que geram efeitos externos felizes ou infelizes.

Por exemplo, no ato III, cena 3, Clairville acredita que Dorval e Constance estão apaixonados. Ele não sabe que é apenas por causa de um mal-entendido que Constance acredita que seu amor por Dorval é correspondido: Constance encontra e lê, por acaso, com uma alegria transbordante, uma carta de amor escrita por Dorval – que, na verdade, era destinada a Rosalie. O problema é que Dorval está visivelmente desesperado. Clairville tenta encontrar uma explicação para sua tristeza e a atribui aos escrúpulos de Dorval em privá-lo de metade de sua fortuna ao se casar com sua irmã Constance – uma perda financeira que teria, como consequência indireta, o fato de Clairville deixar de ser um bom partido para Rosalie. Como Clairville diz a Dorval:

Essa tristeza me perturba, confunde-me e leva meu espírito a vagar por todo tipo de ideias. Um pouco mais de confiança de sua parte pouparia a mim de

⁷ O estudo de Gerhardt Stenger, “Vertu et vérité dans *Le Fils naturel*” (Stenger, 2000, p. 65-78) dissocia de forma bastante abstrata os valores da virtude e da verdade da personagem feminina que os defende, ilustra-os e dá acesso a eles.

muitas falsas [...]. Mas, enfim, será que eu o compreendi? Você temeria talvez que eu, privado, por um segundo casamento de Constance, da metade de uma fortuna, na verdade bastante modesta, mas que se acreditava garantida, eu não fosse mais rico o suficiente para poder casar Rosalie? (Diderot, 1996, p. 1101; Diderot, 2008, p. 57).

Assim, Clairville interpreta erroneamente os efeitos das paixões do amor e da melancolia em Dorval como resultados de cálculos altruístas de interesse e de fortuna, que incluiriam considerações sobre os efeitos externos do casamento entre Dorval e Constance sobre o noivado entre Rosalie e ele próprio. Clairville é um *homo economicus*. Na mesma linha, quando se vê confrontado com a perda do amor de Rosalie, no ato III, cena 8, ele hesita em atribuí-la à perspectiva de sua própria perda de fortuna em decorrência do novo noivado de Constance com Dorval. Ele não consegue evitar de pensar que o desamor de Rosalie seria consequência de seu revés financeiro: ela provavelmente terá de se dedicar aos cuidados do pai arruinado, que se tornou uma “responsabilidade muito dispendiosa”. Clairville interpreta a conduta de Rosalie como um modo de minimizar a utilidade negativa.

Vejam agora como Dorval é mais clarividente ao recorrer a raciocínios semelhantes. Na cena 9 do ato III, Dorval se vê diante de uma situação digna da escolha de Hércules. Ele prefere corajosamente a amizade e a virtude em detrimento da ternura e do amor:

O que ela [Rosalie] vai pensar de mim?... O que é que eu vou decidir a respeito do noivo dela?... Que partido tomar a respeito de Constance?... Dorval, você vai deixar de ser ou vai continuar a ser um homem de bem?... Um acontecimento imprevisto arruinou Rosalie; ela está na miséria. Eu sou rico. Eu a amo. Clairville não tem mais como obter a mão dela... Ilusões vergonhosas, abandonei meu espírito, afastai-vos de meu coração! Posso ser o mais infeliz dos homens, mas, nem por isso, vou tornar-me vil... Virtude, ideia doce e cruel! Caros e bárbaros deveres! Amizade que me acorrenta e me dilacera, a ti obedecerei. Ó virtude, o que és tu se não exiges sacrifício algum? Amizade, não passas de uma palavra oca, se não impõe lei alguma... Clairville desposar Rosalie!

Existem quatro princípios de ação concorrentes, quatro tipos de fatores que determinam as condutas em *O Filho Natural*, sobre os quais Dorval pode se apoiar:

1. Sentimentos de parentesco e de família: Toda a história é um evitamento do incesto⁸. Dorval e Rosalie têm um pressentimento de seu vínculo familiar: “Os traços, o espírito, o olhar, o som da voz; tudo nesse objeto doce e terrível parecia

⁸ Cf. Pucci, 1997, p. 271-287. O tema, comum no teatro da época, inspirou leituras psicanalíticas. Cf. Démoris, 1991, p. 121-135; Ramond, 2020, p. 227-239.

corresponder a não sei que imagem que a natureza havia gravado em meu coração.” (ato II, cena 2, Diderot, 1996, p. 1093; Diderot, 2008, p. 46). Poder-se-ia imaginar, então, que a proibição do incesto desempenha um papel vago em sua conduta. No entanto, seus sentimentos de ternura desaparecem primeiramente por oportunas razões morais (ver ato V, cena 3, onde Dorval argumenta a partir da ligação entre felicidade e virtude), antes mesmo de saberem, pela boca do pai, que são irmãos. Dessa forma, evitam a experiência do conflito psicológico e social.

2. Determinações morais: Trata-se da virtude, do dever, da amizade, da confiança. A conduta de Dorval com Constance, ao menos quando ela está sob sua feliz influência, segue essas determinações morais. No entanto, esse não é o caso da relação de Dorval com Rosalie, aos olhos desta última. Rosalie afirma que Dorval é mau e enganador (ato IV, cena 1); Dorval se considera mau (ato V, cena 3).
3. Determinações afetivas: Trata-se do amor (da “ternura”), das paixões, dos humores (essencialmente da melancolia). Elas regem as condutas de Rosalie e Dorval, mas também, em menor grau, a de Clairville. Rosalie é afetada por um gosto melancólico pela solidão, próximo ao de Dorval. Quanto a Constance, é um ser racional, uma sábia estoica.

O ponto comum entre todos esses princípios de ação é que eles não estão sob o controle do agente⁹. Isso é evidente no caso do parentesco e das paixões. Quanto às determinações morais, elas podem ser cultivadas, mas não é possível tornar-se virtuoso por um simples decreto da vontade, sem um esforço de longo fôlego, especialmente quando se é fraco, como é manifestamente o caso de Dorval.

Felizmente, existe um quarto motor da ação, que, embora dependa amplamente da sorte, pode, em certas circunstâncias particulares, ser colocado sob o controle direto da vontade:

4. Determinações da fortuna, que são as condições e os acontecimentos sociais e econômicos. O status de Rosalie varia ao longo da história: no início ela é um bom partido, depois ficamos sabendo que ela perdeu sua fortuna e, portanto, a perspectiva de um casamento; o próprio Clairville também é afetado por reveses da sorte, talvez pelos efeitos externos do segundo casamento de Constance. O gesto rápido de Dorval, por meio de uma ordem bancária, remedia a situação de Rosalie e, indiretamente, a de Clairville, que não precisa mudar de profissão ou,

⁹ Sobre a questão do controle e a oposição de Diderot às pretensões do estoico ao autocontrole, Cf. Ida, 2001, parte IV, cap. 4.

mais exatamente, retomar uma profissão (“mudar de condição social”; Diderot, IV, 5, 1996, p. 1117; Diderot, 2008, p. 80). As determinações da fortuna incidem sobre aquilo que Diderot chama com insistência de “condições” ou “estados”.

Segundo essa leitura de *O Filho Natural*, Dorval é um *homo economicus*, mas, diferentemente de Clairville, é melancólico e se tornou incapaz de agir. Ele reencontra o caminho da vida ativa primeiramente por meio da ação financeira. É apenas através da manipulação de uma fortuna facilmente mobilizável que Dorval consegue modificar marginalmente as condições de Rosalie e Clairville. Neste ponto, o solilóquio de Dorval no ato III, cena 9, é bastante significativo. Dorval considera realizar uma ação direta sobre seus bens líquidos e, com essa operação, busca exercer uma influência indireta sobre as relações entre os personagens: “Mas Clairville não tem fortuna. E agora Rosalie também não... É preciso afastar esses obstáculos. Eu tenho condições. Eu quero fazê-lo [...] Se não me caso com Rosali, para que preciso de fortuna? Que uso mais digno eu poderia dar a ela do que empregá-la em benefício de dois seres que me são tão caros?” (Diderot, 1996, p. 1108; Diderot, 2008, p. 67). E ainda diz a si mesmo:

Dorval, por que, então, você está sofrendo? Por que me sinto dilacerado? Ó virtude, ainda não fiz o suficiente por ti! Mas Rosali não vai querer aceitar de mim sua fortuna. Ela conhece demais o preço desse favor para concedê-lo a um homem que ela deve odiar, desprezar... Logo, será preciso enganá-la!... E se eu me decidir a isso, como conseguir que tudo dê certo?... Antecipar-me à chegada de seu pai?... Espalhar pelos jornais que o navio que transportava sua fortuna estava no seguro?... Mandar-lhe por intermédio de um desconhecido o valor equivalente ao que ela perdeu?... Por que não?... O meio é natural. Ele me agrada. Basta agir rápido. (*Ibid.*)

Duas expressões chamam particularmente a atenção. “Será preciso enganá-la”: Dorval deve enganar Rosalie para seu próprio bem – um estratagema paternalista. “Basta agir rápido”: que tipo de ação pode ser tão rápida e fácil? Dorval age por meio de alguns poucos comandos – como nós, hoje, com alguns cliques! Não que isso seja especialmente eficaz, mas precisamente porque, sem essa facilidade, ele não poderia fazer nada. Empréstimos, presentes, transferências de dinheiro: eis um domínio no qual Dorval pode agir com rapidez. Uma ação baseada na fortuna imobiliária teria uma temporalidade incompatível com a urgência da situação, além de exigir um nível de planejamento que está além das capacidades de Dorval. Assim, um personagem passivo se torna mais ativo, enquanto um personagem ativo, Clairville, se torna mais passivo.

A cena 10 do ato III, com sua extraordinária concisão – cinco palavras, complementadas por uma pantomima de grande importância na estética teatral de Diderot¹⁰ –, por sua “rapidez” [*célérité*], para retomar o termo usado por Dorval, exprime a força de suas volições, aplicada a um campo no qual ele de fato pode agir como quiser – ao passo que ele não pode modificar à vontade seus desejos e sentimentos, não mais do que os dos outros.

CENA 10.

Dorval, Charles.

Dorval (Dá-lhe um bilhete e diz:)

Para Paris, para o meu banqueiro.

(Diderot, 1996, p. 1108; Diderot, 2008, p. 68)

Uma consequência dessa decisão rápida aparece na cena 6 do ato IV, igualmente breve e pantomímica, em que Charles simplesmente entrega a Dorval o recibo de Rosalie.

III. Dinheiro compra felicidade. Como a manipulação da liquidez restabelece o elo entre virtude e felicidade

No ato IV, cena 3, Constance, com um argumento metafísico, insiste para que Dorval vá contra seu humor sombrio e aceite a perspectiva de ter filhos. Inspirando-se tacitamente em Shaftesbury e Hutcheson, ela pinta para Dorval a beleza do sistema da benevolência universal: “O senhor me disse cem vezes que uma alma delicada não contemplava o sistema geral dos seres sensíveis sem desejar intensamente para si a felicidade que aí reina, sem dela participar”. Dorval interrompe esse elogio de maneira prosaica: “Constance, uma família exige uma grande fortuna e eu não vou esconder que a minha acaba de ser reduzida à metade.” (Diderot, 1996, p. 1115; Diderot, 2008, p. 78) Dorval faz alusão ao presente que deu a Rosalie, do qual não pode falar abertamente. À primeira vista, sua declaração parece grosseira e inadequada. O assunto de seu diálogo com Constance era como promover a virtude e a felicidade, e por que ter filhos faz parte disso.

Enquanto Dorval se apoia na manipulação marginal da fortuna para difundir e promover a virtude, Constance, que é tanto estóica quanto platônica, opõe a virtude à fortuna: “O nascimento nos é dado; mas nossas virtudes são nossas. No que diz respeito a riquezas sempre embaraçosas e frequentemente perigosas, fazendo-as recair, sem distinção, sobre os bons e os maus, o Céu já define o valor que se deve dar

¹⁰ Cf. Ida, 1999, p. 25-42.

a elas. Berço, honrarias, fortuna, grandeza, tudo isso os maus podem ter, mas não as bênçãos do Céu” (Diderot, 1996, p. III5-III6; Diderot, 2008, p. 79)¹¹.

Mas Dorval, diferentemente de Hércules ou de Constance, não podia seguir diretamente o caminho da virtude. Ele precisou primeiro tomar a via da fortuna, da sorte, da ação indireta. O único meio para um personagem melancólico transformar a si mesmo e aos outros é realizar ações tão fáceis que também são as mais rápidas: ordens bancárias. Se fôssemos encenar *O Filho Natural* para o público de hoje, um smartphone seria apropriado para as manobras decisivas de Dorval.

No fim das contas, o que ele realizou é idêntico aos efeitos da virtude, tanto para si quanto para os outros – e, em primeiro lugar, para Rosalie. No ato V, cena 1, Justine, sua criada, felicita Rosalie: “Sua fortuna é recuperada! A senhora volta a ser dona de seu destino e nada a comove!” (Diderot, 1996, p. III8; Diderot, 2008, p. 83). No ato V, cena 5, o pai também nos diz que sua perda financeira é completamente insignificante e não será um fardo para seus filhos. Assim, graças ao estratagem de Dorval, Rosalie alcança ao mesmo tempo o autocontrole estoico e a independência econômica, enquanto o próprio Dorval recupera a capacidade de agir eficazmente com vistas à satisfação de seus desejos¹².

Bibliografia

- Démoris, R. (1991). “L’inceste évité: identification et objet chez Marivaux entre 1731 et 1737”. *Études littéraires*, 24 (1), p. 121-135.
- Diderot, D. (1996). *Œuvres*, t. IV, *Esthétique – théâtre*. Éd. Laurent Versini. Paris: Robert Laffont. “Bouquins”.
- _____. (2008). *Obras V: O filho natural ou as provações da virtude: conversas sobre o filho natural*. Org. Jacó Guinsburg. Trad. Fátima Saadi. São Paulo: Perspectiva.
- Frankena, W. K. (1958). “Obligation and Motivation in Recent Moral Philosophy”. In: Melden, A. I. (org). *Essays in Moral Philosophy*. Seattle: University of Washington Press, p. 40-81.
- Guilhem, A. (2023). *Le père, le fils et Diderot. Enquête sur la question de la paternité et de la filiation dans l’œuvre littéraire et philosophique de Denis Diderot*. Paris: Honoré Champion.

¹¹ A fórmula “nossas virtudes são nossas” não tem o sentido que confere Guilhem (2023, p. 145). Não significa que o homem seja “naturalmente bom”, mas que depende inteiramente dele desenvolver as virtudes, diferentemente das condições e das doações externas.

¹² Versões anteriores deste texto foram apresentadas no seminário “Fictions et économie”, organizado por Élise Sultan e Marion Chottin, em 2014, na Sorbonne, e no colóquio “For what it’s worth. Challenging and negotiating value in literature and in economic theory”, organizada em 2017 em Mannheim por Agnieszka Komorowska, Annika Nickenig e Claire Pignol.

- Ida, H. (1999). "La *pantomime* selon Diderot. Le geste et la démonstration morale". *Recherches sur Diderot et sur l'Encyclopédie*, 27, p. 25-42.
- _____. (2001). *Genèse d'une morale matérialiste: les passions et le contrôle de soi chez Diderot*. Paris: Honoré Champion.
- Jaffro, L. (2020). "Diderot et la peinture morale de Greuze". In: Bardout, J.-C.; Carraud, V. (org.). *Diderot et la philosophie*. Paris: Société Diderot, p. 271-284.
- Pucci, S. (1997). "The Nature of Domestic Intimacy and Sibling Incest in Diderot's *Fils Naturel*". *Eighteenth-Century Studies*, 30 (3), p. 271-287.
- Ramond, C. (2020). "Trouble de l'identité, motif incestueux et hybridité générique dans quelques pièces de théâtre du XVIIIe siècle". In: Closson, M.; Raviez, F. (org.). *Les Amours entre frère et sœur. L'inceste adelphique du Moyen Âge au début du XIXe siècle*. Paris: Classiques Garnier, p. 227-239.
- Stenger, G. (2000). "Vertu et vérité dans *Le Fils naturel*". In: Cronk, N. (org.). *Études sur Le Fils naturel et Les Entretiens sur le Fils naturel de Diderot*. Oxford: Voltaire Foundation, p. 65-78.
- Weber, C. (2003). "The Sins of the Father: Colonialism and Family History in Diderot's *Le Fils Naturel*". *PMLA*, 118 (3), p. 488-501.